

MULHERES de FIBRAS

A PRODUÇÃO ARTESANAL ROMPE BARREIRAS
E SE PROJETA COMO GENUÍNA EXPRESSÃO ARTÍSTICA

No dicionário, o termo “artesanato” é definido como um método de trabalho do artesão, que alia utilitarismo à arte. Para ampliar esse entendimento, a exposição *EntreMeadas*, no Sesc Vila Mariana, propõe um novo olhar sobre essa prática. Com curadoria da jornalista e pesquisadora de arte e design Adélia Borges, a mostra resalta a qualidade artística dessas narrativas criativas e poéticas que transcendem a habilidade manual.

“Na perspectiva hierarquizada da cultura que permeia a nossa sociedade, o artesanato é visto como o último degrau, longe até da chamada arte popular”, explica Adélia, que foi diretora do Museu da Casa Brasileira [*entre 2003 e 2007*] e já escreveu mais de 30 livros sobre artesanato, arte e design. “Para muitos, o vocábulo [*artesanato*] é uma forma de desqualificação de quem o fez.”

A curadora acredita que o contato com essas manifestações seja uma forma de “despir o olhar de preconceitos e prejulgamentos para descobrir uma densidade poética notável nos trabalhos de comunidades de artesãs”. A exemplo do trabalho realizado por grupos e coletivos de artesãs no estado de São Paulo, apresentado em *EntreMeadas*. Obras feitas à mão e que conduzem o público por outra linha de expressão e compreensão. “A maneira de expor as obras procura conferir a dignidade que esses trabalhos merecem e que, via de regra, lhes é negada”, enfatiza Adélia, que participa do comitê científico da 12ª conferência do *International Committee for Design History and Design Studies* (ICDHS), a ser realizada em Zagreb, Croácia, em outubro. ■

ENTRE NÓS

Pontos, fios e tramas costuram a pluralidade da artesanaria paulista

No Sesc Vila Mariana, até 9 de fevereiro, a exposição *EntreMeadas* convida o público a imergir na produção de artesãs que integram 20 coletivos do estado de São Paulo. Um patrimônio cultural composto por saberes e fazeres manuais a partir de linhas, fios, fibras e outros materiais que ganham simbologia transformando-se em tecelagens, rendas e novas tramas. Peças que costuram narrativas e dialogam com a identidade cultural de suas comunidades de origem. Como o trabalho realizado pelo coletivo Rendeiras da Aldeia, de Carapicuíba, ou do Mulheres Artesãs da Enseada da Baleia, de Cananeia. O relato da curadora Adélia Borges resume a importância da iniciativa: “Na noite de abertura [*em outubro de 2019*], a veterana Lucinda Bento, 78 anos, tecelã de Américo Brasiliense, fez uma fala emocionante sobre o artesanato como expressão da cultura. E em 23 de novembro, ela faleceu. É um privilégio ter sua obra na mostra. Nos perguntamos quantas *Lucindas* não há por aí. Pessoas que passaram a vida expondo em praças e batalhando em ocupações subalternas, sem o reconhecimento devido”.

BAIXE NOSSO APP E
VEJA MAIS IMAGENS





Fotos: Mariana Chama

Bordadeiras do Jardim Conceição





PI Guarani, taquarinha e cipo imbe

◀ Rendeiras da Aldeia, renda renascença (detalhe)



Quilombo Sapatu,
flores - palha de milho

ACIDE
CRIM



Piradas no ponto, bordado de Sonia Bianco

NTE ?
ME ?





Bordado
de Ervelinda Klug

▼ Piradas no ponto, bordado de Adriana Gragnani

Tapecaria de Lucinda Bento



